



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

MARÍLIA RAYANE DUARTE DIAS

PODCAST PODER E SILÊNCIO

**CAMPINA GRANDE
2025**

MARÍLIA RAYANE DUARTE DIAS

PODCAST PODER E SILÊNCIO

Relatório do Podcast Poder e Silêncio
apresentado ao Curso Jornalismo do Centro de
Ciências Sociais Aplicadas da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharela em Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Rostand de
Albuquerque Melo

CAMPINA GRANDE

2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D541p Dias, Marília Rayane Duarte.
Podcast Poder e Silêncio [manuscrito] / Marília Rayane
Duarte Dias. - 2025.
43 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Mélo,
Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Podcast. 2. Liberdade de imprensa. 3. Violência contra
jornalistas. 4. Censura. 5. Democracia. I. Título

21. ed. CDD 070.4

MARILIA RAYANE DUARTE DIAS

PODCAST PODER E SILÊNCIO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Jornalismo da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharela em Jornalismo

Aprovada em: 04/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Katharine Nobrega da Silva** (***.546.124-**), em **11/06/2025 22:38:46** com chave **fb936ffe472d11f0b21f1a1c3150b54b**.
- **Rostand de Albuquerque Mélo** (***.760.324-**), em **11/06/2025 21:18:53** com chave **d29c5436472211f0833506adb0a3afce**.
- **Fernando Firmino da Silva** (***.070.164-**), em **11/06/2025 21:35:14** com chave **1b85e00c472511f091e81a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 13/06/2025

Código de Autenticação: 98d313



Dedico este trabalho aos meus pais,
Jaqueline Dias e Ricardo Duarte,
e à minha irmã, Gabriela Duarte,
por moverem céus e terra por mim.
Amo vocês imensamente.

AGRADECIMENTOS

A construção deste trabalho é fruto de muitas vozes, mãos e escutas generosas. Agradeço, em primeiro lugar, à Deus e minha família, Ricardo, Jaqueline, Gabriela, Heitor, Théo e Isaac, pelo amor incondicional, pela base firme e por acreditarem no meu caminho, mesmo nos momentos mais difíceis.

À Rádio Educativa FM Campina, minha segunda casa, por me formar na prática do rádio e me ensinar que comunicar também é educar. Agradeço a toda equipe que me acolheu com tanto afeto e liberdade criativa, em especial, Clébio Melo, por ser exemplo de jornalista, chefe e pessoa. E ao criador da identidade visual desse projeto, Alan Leonardo, que sempre enxergou potencial no que eu fazia.

Às jornalistas que me inspiraram a criar este podcast, em especial Marina Dias e Rafaela Sindeski, por suas vozes firmes diante da violência e pelo exemplo de coragem no exercício do jornalismo.

Agradeço ao professor Rostand Melo, pela orientação atenciosa e rigorosa neste Trabalho de Conclusão de Curso. Ao professor Fernando Firmino, por nunca deixar de acreditar no meu potencial e por me lembrar, ao longo da graduação, que posso ser uma profissional comprometida com o que importa. E à professora Katharine Nóbrega, por me inspirar a criar com liberdade, sensibilidade e propósito.

À Altaline Milena, que foi essencial nos últimos dois anos da minha caminhada. Sua força, apoio e presença foram fundamentais nos momentos em que pensei em desistir do curso de Jornalismo.

Ao meu primo-irmão, Jefferson Jaques, que acreditou neste projeto e viabilizou recursos para que o podcast alcançasse a qualidade que eu sonhava.

E a todas as mulheres jornalistas que enfrentam diariamente o silêncio imposto pela violência — este trabalho é também para vocês.

“Não se faz jornalismo sem atrito.
A notícia incomoda, a verdade incomoda.”
Eliane Brum

RESUMO

O presente trabalho discute a influência dos governos na violência contra jornalistas mulheres, com ênfase no impacto sobre a liberdade de imprensa e a democracia. O podcast *Poder e Silêncio* investiga como essas jornalistas foram alvos recorrentes de ataques físicos, virtuais e institucionais, buscando compreender os mecanismos utilizados para silenciar as vozes críticas da imprensa. A metodologia adotada consiste na produção de um podcast narrativo de não ficção, estruturado em três episódios de 18 minutos, em média, nos quais as jornalistas analisam suas experiências e reflexões sobre censura, ameaças e intimidações. O conteúdo é sustentado por entrevistas, realizadas de 13 de março a 13 de abril de 2025, com jornalistas em atuação especialistas na área de comunicação e democracia, além do uso de relatos anônimos com o objetivo de proteger as fontes. A fundamentação teórica se apoia em autores como Paulo Freire, Pierre Bourdieu, Noam Chomsky e Patrícia Campos Mello, entre outros, que contribuem para a compreensão das relações entre poder, imprensa e opressão simbólica. Por fim, o projeto conclui que a violência contra jornalistas, especialmente mulheres, é alimentada por discursos de autoridades públicas. Tais ataques não se restringem a indivíduos, mas representam uma ameaça direta ao direito coletivo à informação e ao funcionamento saudável das democracias.

Palavras-Chave: Podcast. Liberdade de imprensa. Violência contra jornalistas. Censura. Democracia.

ABSTRACT

This work discusses the influence of governments on violence against journalists, with an emphasis on its impact on press freedom and democracy. The podcast *Power and Silence* investigates how women journalists have been recurrent targets of physical, virtual, and institutional attacks, aiming to understand the mechanisms used to silence critical voices in the media. The adopted methodology consists of the production of a non-fiction narrative podcast, structured in three episodes of approximately 18 minutes each, in which journalists reflect on their experiences with censorship, threats, and intimidation. The content is supported by interviews conducted between March 13 and April 13, 2025, with active journalists and experts in communication and democracy, as well as by anonymous accounts to protect the sources. The theoretical framework is based on authors such as Paulo Freire, Pierre Bourdieu, Noam Chomsky, and Patrícia Campos Mello, among others, who contribute to the understanding of the relationships between power, the press, and symbolic oppression. Finally, the project concludes that violence against journalists, especially women, is fueled by the discourse of public authorities. These attacks are not limited to individuals but represent a direct threat to the collective right to information and the healthy functioning of democracies.

Keywords: Podcast. Press freedom. Violence against journalists. Censorship. Democracy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. VIOLÊNCIA E DEMOCRACIA	11
2.1 LIBERDADE DE IMPRENSA	12
2.2 PODCAST: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS	13
3 RELATÓRIO TÉCNICO	17
3.1 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO	17
3.2 NOME DO PRODUTO	17
3.3. ETAPAS DE PRÉ-PRODUÇÃO	18
3.4 PÚBLICO-ALVO E ESTRATÉGIAS DE CONEXÃO	19
3.5 ETAPAS DE PRODUÇÃO	19
3.6 ETAPAS DE PÓS-PRODUÇÃO	21
3.7 PRODUTO FINAL	21
3.8 ORÇAMENTO	27
3.9 AVALIAÇÃO	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE A – ROTEIRO DO EPISÓDIO 1 DE PODER E SILÊNCIO	30
APÊNDICE B - MODELO DE PAUTA	40

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta o podcast *Poder e Silêncio*, um produto jornalístico em formato narrativo de não ficção que investiga a violência política contra jornalistas mulheres no Brasil, com ênfase na influência dos governos no agravamento desse cenário. A proposta surge da necessidade de compreender como figuras públicas, especialmente autoridades políticas, contribuem para um ambiente de hostilidade contra a imprensa, afetando diretamente a liberdade de expressão e o direito à informação.

A liberdade de imprensa é um dos pilares fundamentais para o funcionamento das democracias, pois garante à população o acesso a informações que permitem a fiscalização dos poderes públicos. No entanto, nos últimos anos, temos observado um crescimento expressivo da violência digital e física contra jornalistas, sobretudo mulheres, que se tornam alvos preferenciais por conta de sua exposição, gênero e atuação crítica frente ao poder.

O podcast foi escolhido como formato principal deste trabalho por sua capacidade de permitir uma experiência imersiva e reflexiva. Por meio da narração, de entrevistas e do uso de sonoras reais, *Poder e Silêncio* constrói uma narrativa que busca informar e provocar o ouvinte, humanizando os dados e relatos por meio da escuta. Diferente de reportagens tradicionais, o podcast permite maior liberdade de imaginação e uma conexão emocional mais direta com o público, criando espaço para aprofundar temas com maior empatia.

Com três episódios de cerca de 18 minutos cada, o produto reúne entrevistas com jornalistas que sofreram ataques, como Marina Dias, correspondente do *Washington Post* em Brasília, e com a pesquisadora interessada em conflitos políticos, Rafaela Sindorski, da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo). As entrevistas foram realizadas no período de 13 de março a 13 de abril de 2025, por videoconferência. Também estão presentes dados do monitoramento de ataques a jornalistas, da Coalizão em Defesa do Jornalismo, e do relatório de atentados contra jornalistas e comunicadores, contruido por dez entidades de comunicação do país, e trechos de discursos e falas públicas que ilustram como autoridades contribuem para fomentar o discurso de ódio contra a imprensa.

O objetivo do podcast é discutir como a atuação de agentes políticos influencia o aumento da violência contra jornalistas, analisando o impacto dessa dinâmica sobre a liberdade de imprensa e o acesso à informação. Além disso, o produto busca ampliar as vozes das mulheres jornalistas que, por motivos de segurança, não podem mais se manifestar publicamente, trazendo seus relatos sob anonimato, que no podcast foram interpretadas por

vozes de colegas de profissão convidadas.

A escolha do tema e do formato deste trabalho está diretamente relacionada à minha trajetória pessoal e acadêmica. Desde muito jovem, o desejo de cursar jornalismo esteve presente, mas por muito tempo foi contido pela percepção limitada de que o jornalismo se restringia à televisão — um espaço no qual eu não me via representada. Foi apenas durante a pandemia de Covid-19 que o jornalismo se tornou, para mim, mais do que uma vocação: tornou-se uma necessidade. Em um momento de incertezas, desinformação e medo, vi nos profissionais da imprensa uma linha de frente essencial — e também os alvos de uma onda de deslegitimação sem precedentes. O contraste entre a importância social do jornalismo e os ataques direcionados aos jornalistas, especialmente às mulheres, despertou em mim o desejo de atuar na área.

Ingressar no curso de Jornalismo foi, portanto, um gesto de resistência e de afirmação. Durante a graduação, tive a oportunidade de estagiar em emissoras como a Rádio Campina FM e a Educativa FM Campina, o que consolidou minha relação com o rádio e com as mídias sonoras. O formato podcast, por sua linguagem íntima e potencial de reflexão, surgiu como o meio mais apropriado para abordar o tema da violência política contra mulheres jornalistas — justamente o fenômeno que me mobilizou a iniciar essa jornada acadêmica. Quatro anos depois, finalizo o curso revelando, com profundidade e escuta atenta, o motivo que me trouxe até aqui.

Este relatório, que acompanha o produto, está estruturado da seguinte forma: o segundo capítulo apresenta o referencial teórico que embasou a construção narrativa e editorial do podcast, abordando temas como liberdade de imprensa, violência política de gênero, jornalismo narrativo em áudio e o papel dos podcasts como ferramenta de informação. O terceiro capítulo traz a descrição técnica da produção, desde a concepção do roteiro até a edição sonora. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas ao longo do processo de criação e pesquisa.

2. VIOLÊNCIA E DEMOCRACIA

A violência contra jornalistas não é um fenômeno novo, mas ganhou novas camadas e formatos em tempos de polarização política e crescimento das redes sociais. Nos últimos anos, o Brasil tem enfrentado uma escalada de agressões — físicas, verbais e digitais — que afetam diretamente a liberdade de imprensa e o exercício do jornalismo profissional. O podcast *Poder e Silêncio* nasce desse cenário, com o objetivo de compreender as origens e consequências desses ataques, especialmente quando são direcionados a jornalistas mulheres.

Para refletir sobre essa realidade, o projeto parte de uma base teórica que conecta comunicação, poder e direitos humanos. A obra de Paulo Freire (1996) oferece uma das primeiras chaves de leitura. Ao defender o diálogo como prática libertadora, Freire afirma que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. O jornalismo, nesse contexto, torna-se ferramenta de emancipação — e, justamente por isso, alvo daqueles que preferem manter o silêncio.

Outro autor que deu embasamento para este trabalho é o sociólogo Pierre Bourdieu (2001), que apresenta o conceito de violência simbólica. Segundo ele, esse tipo de violência opera de forma sutil e constante, impondo normas sociais e desqualificando os que não se encaixam nelas. A violência simbólica é aquela que se exerce sobre um agente social com a sua cumplicidade, fundada sobre o desconhecimento das suas próprias condições de dominação. “A violência simbólica é aquela forma de coerção invisível, insidiosa, que se exerce essencialmente através dos caminhos puramente simbólicos da comunicação.” (Bourdieu, 2001. p. 15).

Quando jornalistas mulheres são atacadas por sua aparência, por sua atuação profissional ou por estarem em espaços considerados “masculinos”, a violência simbólica se revela em sua forma mais cruel: às vezes silenciosa, mas estruturante.

Ainda nessa perspectiva, Noam Chomsky (2002) alerta que o controle da informação é uma forma de dominação. Para ele, “a censura moderna não precisa de tesouras — basta o bombardeio de distrações, a deslegitimação da fonte e a difamação seletiva”. Esse mecanismo é visível nos ataques coordenados sofridos por jornalistas que cobrem política, onde se tenta minar sua credibilidade para, assim, enfraquecer o impacto das denúncias que apresentam. “A propaganda é para a democracia o que a violência é para o totalitarismo.” (Chomsky, 2002).

No cenário brasileiro, Patrícia Campos Mello (2020), em *A Máquina do Ódio*, investiga como a desinformação tem sido usada como arma para perseguir jornalistas. Ela relata sua própria experiência como alvo de uma campanha de difamação após publicar reportagens sobre o uso de disparos ilegais de mensagens via WhatsApp nas eleições presidenciais de 2018. Para a autora, as redes sociais se tornaram ambientes onde a prática do jornalismo passou a ser suficiente para desencadear campanhas de ódio.

A ditadura acabou em 1985. Sob Bolsonaro, presidente eleito democraticamente, a era da perseguição voltou, por meio das redes sociais e milícias virtuais. Trata-se de uma forma nova de censura, terceirizada para exércitos de trolls patrióticos repercutidos por robôs no Twitter, Facebook, Instagram e WhatsApp. E as jornalistas mulheres são as vítimas preferenciais. À diferença de nossos colegas homens, é muito mais corriqueiro termos dados pessoais expostos na internet, sofrermos comentários jocosos sobre nosso aspecto físico, ofensas à nossa honra e ameaças on-line que muitas vezes migram para o mundo real. (Campos Mello, 2020. p. 92)

Esse cenário é alarmante quando se observa o recorte de gênero. A violência contra jornalistas mulheres ultrapassa a crítica profissional e atinge dimensões pessoais e morais. É o que aponta o relatório¹ da Coalizão em Defesa do Jornalismo (2021), ao afirmar que “as mulheres jornalistas enfrentam uma violência estruturada e simbólica que tem o objetivo de silenciar suas vozes, enfraquecer sua autoridade e comprometer a pluralidade de informações”.

2.1 LIBERDADE DE IMPRENSA

A Ordem dos Advogados do Brasil (2020) reforça que ações judiciais, intimidações e campanhas de difamação integram um conjunto de práticas que tem o objetivo de deslegitimar o jornalismo como ferramenta de fiscalização. A entidade alerta que “a censura e a intimidação de jornalistas são ataques diretos à democracia, pois impedem o livre fluxo de informações e comprometem a integridade do debate público” (OAB, 2020, p. 10).

Esse cenário é intensificado por formas contemporâneas de censura, muitas vezes sofisticadas e de difícil identificação pública. Como explica Santos (2020), a censura moderna não se dá apenas pela proibição explícita de conteúdos, mas também por meio do que se convencionou chamar de *chilling effect* — o efeito inibidor provocado por decisões judiciais,

¹ Coalizão em defesa do jornalismo. Disponível em: <https://emdefesadojornalismo.org.br/> acesso em: 10 JUN. 2025.

perseguições múltiplas e ameaças jurídicas que desestimulam o exercício pleno da liberdade de imprensa. Esses mecanismos, frequentemente usados por autoridades públicas, geram um ambiente hostil que coage jornalistas a se calarem para evitar desgastes e constrangimentos profissionais.

Neste contexto, o podcast *Poder e Silêncio* representa uma tentativa deliberada de romper com esse ciclo de silenciamento, oferecendo um espaço de escuta profunda e crítica. A partir das vozes das jornalistas entrevistadas e das reflexões construídas pela pesquisadora, Rafaela Sindesky o podcast propõe mais do que uma denúncia: uma compreensão sensível e documentada do que significa fazer jornalismo em um país onde informar virou um ato de coragem.

2.2 PODCAST: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

O podcast é um formato de mídia digital que vem ganhando espaço na comunicação contemporânea, especialmente por sua flexibilidade, acessibilidade e capacidade de segmentação de públicos. Também chamado de *podcasting*, o termo combina as palavras *iPod* (tocador de áudio da Apple) e *broadcasting* (transmissão), e foi sugerido em 2004 pelo jornalista Ben Hammersley, em artigo publicado no jornal britânico *The Guardian*. (LUIZ, 2014, p. 10). Desde então, o podcast passou a ser compreendido como uma forma de distribuição de conteúdo em áudio ou vídeo sob demanda, com caráter episódico e possibilidade de assinatura via feed RSS (*Really Simple Syndication*) (SELBACH, 2020, p 20).

Segundo Bonini (2015), o podcast pode ser definido como “uma produção de áudio digital distribuída em série, disponível para *download* automático e reprodução a qualquer momento, por meio de plataformas específicas”. Essa característica de consumo sob demanda, é um dos principais diferenciais do podcast em relação aos formatos tradicionais de mídia sonora, a exemplo da radiodifusão.

Para Luiz e Assis (2010) o podcast surgiu como uma alternativa independente à mídia tradicional, permitindo que produtores de conteúdo desenvolvessem programas sem a necessidade de grandes estruturas técnicas ou comerciais. Essa descentralização contribuiu para a democratização da produção de conteúdo em áudio, viabilizando novas vozes e perspectivas, especialmente aquelas fora dos grandes centros urbanos e dos conglomerados midiáticos.

Kuwano (2019, p. 20) observa que o podcast permite “falar de assuntos diversos,

utilizando recursos sonoros como trilhas, ambientações e efeitos que dão destaque à fala do apresentador, jornalista, especialista ou locutor”. A combinação de som, ritmo e conteúdo segmentado cria um ambiente imersivo e favorece a construção de vínculos afetivos com o ouvinte, algo menos frequente em formatos de mídia mais tradicionais.

No contexto do jornalismo, o podcast assume também uma função informativa e formativa, aproximando o público de temas complexos com linguagem acessível e abordagem aprofundada. Segundo Vicente (2019, p. 97), o *podcasting* “refere-se à produção e transmissão de episódios de um único programa. Dessa forma, a relação com o ouvinte se estabelece na periodicidade e no vínculo de credibilidade criado pela voz”.

Assim, o *podcast* se consolida como um meio relevante para a prática jornalística contemporânea, especialmente por oferecer um espaço de escuta atento, reflexivo e, muitas vezes, mais seguro para temas sensíveis, como os abordados nesta produção. Ao unir características da tradição radiofônica com as possibilidades da era digital, o podcast permite não apenas narrar, mas construir experiências sonoras que informam, emocionam e mobilizam.

No Brasil, os podcasts começaram a se estruturar como linguagem e formato a partir dos anos 2000, com iniciativas como o *Digital Minds* e o *Tecnocast*. No entanto, foi com o lançamento do *Nerdcast*², em 2006 — vinculado à plataforma Jovem Nerd — que o formato alcançou maior popularidade e se consolidou como referência na produção independente de áudio digital. Segundo o portal Projeto DRAFT³, o *Nerdcast*, criado em 2006 por Alexandre Ottoni e Deive Pazos, permanece entre os *podcasts* mais ouvidos do Brasil, com mais de 1 milhão de downloads por episódio. O programa é considerado um dos marcos da profissionalização da ferramenta no cenário nacional, tendo sido o primeiro *podcast* brasileiro e o terceiro no mundo a atingir a marca de 1 bilhão de downloads em 2019.

Em 2024, ao completar 18 anos, o *Nerdcast* segue entre os líderes de audiência no país, mantendo até 2025 uma média de mais de 1 milhão de downloads por episódio. Esse número o coloca consistentemente nas primeiras posições dos rankings nacionais, consolidando sua relevância e influência no mercado brasileiro de *podcasts*. O dado mais recente, disponível no site Jovem Nerd, indica que, mesmo em 2025, o *Nerdcast* permanece

² *Nerdcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/22Wgt4ASeaw8mmmqAWNUn1?si=9f8027d36ab44183> acesso em: 25 MAI. 2025.

³ Projeto DRAFT. Disponível em: <https://www.projeto draft.com/dos-podcasts-ao-videogame-como-o-jovem-nerd-agora-turbinado-pelo-magalu-vir-ou-uma-potencia-multimidia-do-mundo-geek/> acesso em: 10 JUN. 2025

como uma das principais referências da produção independente de áudio digital no Brasil, sendo reconhecido tanto pelo pioneirismo quanto pela capacidade de engajar uma audiência massiva e fiel.

Outro momento importante para o desenvolvimento do podcast brasileiro ocorreu em 2014, com a criação do *Mamilos*⁴, idealizado por Juliana Wallauer e Cris Bartis. Com uma abordagem sensível e profunda sobre temas sociais, políticos e culturais, o programa se destacou por inaugurar uma linguagem mais empática e dialógica, ampliando as possibilidades do áudio como ferramenta de debate público.

Na seara jornalística, destaca-se o *Café da Manhã*⁵, produzido pela *Folha de S.Paulo* em parceria com o *Spotify*, cuja linha editorial informativa se aproxima do radiojornalismo tradicional, adaptando-o ao consumo sob demanda. Outro caso emblemático é o *Projeto Humanos*⁶, de Ivan Mizanuk, cuja temporada dedicada ao “caso Evandro” tornou-se um marco do *true crime* narrativo no Brasil, evidenciando o potencial do podcast como plataforma para o jornalismo investigativo e documental.

Tais produções ajudaram a consolidar o podcast como um meio legítimo de circulação de informação e construção de narrativas aprofundadas, influenciando a estética e a estrutura de inúmeros produtos jornalísticos contemporâneos.

Em termos de audiência e repercussão, destacam-se ainda *podcasts* como o *Café da Manhã*, que tem uma linha jornalística e informativa; e o *Projeto Humanos*, de Ivan Mizanuk, que se notabilizou com a temporada sobre o caso Evandro e redefiniu as possibilidades do *true crime* narrativo no Brasil. Esses podcasts ajudaram a moldar a percepção do público quanto à potência narrativa do áudio, influenciando a linguagem de muitos produtos jornalísticos contemporâneos.

Entre os programas com enfoque em política, vale citar o *Durma com essa*⁷, do Nexo Jornal, que se destaca pela clareza e concisão na análise dos acontecimentos do dia. Já o *Foro de Teresina*⁸, da revista Piauí, é um dos mais influentes na cobertura política nacional, com comentários informados, crítica aguda e linguagem descontraída. No campo das questões de

⁴ Mamilos. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/39IqvZCSC52QAehb4b4aaR?si=51fc6750b2884cd0> acesso em: 25 MAI. 2025

⁵ Café da Manhã. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6WRTzGhq3uFxmrxHrHh1lo?si=a408302359194ee4> acesso em: 25 MAI. 2025

⁶ Projeto Humanos. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/7oSX5rezU0fHrhleBUyG9L?si=3f32d6f89f8749ae> acesso em 25 MAI.2025

⁷ Durma Com Essa. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6lObSCALzfVHxUwWiG6OSz?si=2f1aceec04394aa0> acesso em 25 MAI. 2025

⁸ Foro de Teresina. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/04bTe3UuVaZVDKV9ORFN4Y?si=ad16bed7a6ac4b9e> acesso em: 25 MAI. 2025

gênero, além do já citado *Mamilos*, destaca-se o *Praia dos Ossos*⁹, da Rádio Novelo, que examina o feminicídio de Ângela Diniz e questiona a forma como a sociedade e o judiciário lidaram com o caso. O podcast é uma referência na articulação entre narrativa, jornalismo investigativo e perspectiva de gênero.

Na construção da linguagem do *Poder e Silêncio*, foram especialmente importantes as referências da Rádio Novelo, produtora reconhecida por seu apuro técnico e sensibilidade narrativa, como nos podcasts *Retrato Narrado*, *Rádio Novelo Apresenta* e *Praia dos Ossos*. Além disso, a obra de Chico Felitti, autor de *A Mulher da Casa Abandonada*¹⁰ e *Além do Meme*¹¹, influenciou diretamente a estrutura narrativa e o tom do projeto, tanto pela proximidade com o jornalismo quanto pela forma como aborda personagens e contextos complexos com empatia e rigor investigativo.

⁹ Praia dos Ossos. Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/2Kki0IWqyMWegWAF2mZOg?si=ad1e82c5607a457e> acesso em: 25 MAI. 2025

¹⁰ A Mulher da Casa Abandonada. Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBIen2Ki2dqV?si=ffa2936d4ced48d7> acesso em: 25 MAI. 2025.

¹¹ Além do Meme. Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/5ZAOBjP8ntoqf8PrfzR71W?si=eb7f85045ada4263> acesso em: 25 MAI. 2025

3 RELATÓRIO TÉCNICO

3.1 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

A escolha pelo formato podcast para este trabalho de conclusão de curso não foi aleatória. Desde o início, a proposta foi desenvolver um produto que unisse jornalismo, narrativa sonora e reflexão crítica sobre um fenômeno social urgente: a violência política direcionada a jornalistas mulheres. A escolha pelo podcast se deu por sua natureza imersiva, pela capacidade de conectar emocionalmente o ouvinte à história contada e pela possibilidade de explorar linguagens mais subjetivas, íntimas e sensíveis — recursos fundamentais para lidar com um tema delicado.

O ponto de partida do projeto foi uma inquietação pessoal: por que jornalistas mulheres, muitas vezes expostas ao risco pelo simples exercício de sua profissão, continuam sendo alvo de ataques — e o que os governos têm a ver com isso? A partir dessa pergunta, iniciamos a construção da linha editorial do podcast *Poder e Silêncio*.

3.2 NOME DO PRODUTO

O nome *Poder e Silêncio* foi escolhido por sua força simbólica e por concentrar, em poucas palavras, a essência do problema investigado neste podcast. A escolha do título buscou uma expressão que representasse, ao mesmo tempo, a origem da violência contra jornalistas e as consequências desse cenário sobre as profissionais da imprensa.

A palavra *Poder* remete diretamente à figura dos agentes políticos e institucionais que, ao invés de proteger a liberdade de imprensa, atuam como fontes diretas ou legitimadoras dos ataques — seja por meio de discursos estigmatizantes, desinformação ou violência simbólica e física. E pelo fato do jornalismo ser considerado o quarto poder. Já o termo *Silêncio* expressa os efeitos provocados por essa violência: o medo, a autocensura, o afastamento de pautas sensíveis e o apagamento de vozes fundamentais para o debate democrático.

A dualidade entre essas duas palavras também reflete a lógica de opressão observada nas entrevistas e pesquisas realizadas: o poder que cala, a violência que silencia, o discurso de autoridade que tenta suprimir a crítica.

3.3. ETAPAS DE PRÉ-PRODUÇÃO

A fase de pré-produção demandou uma série de decisões de ordem editorial, técnica e ética, cujas etapas foram desenvolvidas entre dezembro de 2024 e maio de 2025, conforme descrito no cronograma a seguir.

CRONOGRAMA DE PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO DO PODCAST "PODER E SILÊNCIO"

Mês	Atividade
Dezembro/2024	- Delimitação do tema geral do podcast - Definição da abordagem narrativa e dos objetivos jornalísticos e acadêmicos
Janeiro/2025	- Estruturação do produto: definição de 3 episódios narrativos de 20 minutos - Planejamento técnico: formato, estilo de narração, uso de sonoras e efeitos sonoros
Fevereiro/2025	- Levantamento e pesquisa de fontes - Primeiro contato com jornalistas e especialistas - Recusa de 4 jornalistas por orientação jurídica dos veículos de imprensa - Confirmação de participação de Marina Dias e Rafaela Sindorski - Organização dos relatos anônimos
Março/2025	- Realização das entrevistas (gravação das falas públicas e anônimas) - Coleta de materiais de apoio (áudios, falas públicas, arquivos sonoros, trilhas)
Abril/2025	- Redação dos roteiros de cada episódio - Gravação da narração (off) - Edição e montagem sonora dos episódios - Testes de sonoridade e coerência narrativa
Maio/2025	- Finalização da edição de som - Revisão do conteúdo completo - Escrita final do relatório acadêmico - Entrega e disponibilização do podcast nas plataformas digitais

3.4 PÚBLICO-ALVO E ESTRATÉGIAS DE CONEXÃO

Desde sua concepção, *Poder e Silêncio* foi pensado para dialogar com um público interessado em política, jornalismo, direitos humanos e questões de gênero — especialmente jovens universitários, entre 19 e 35 anos, profissionais da comunicação e ouvintes engajados em debates sobre democracia e liberdade de expressão. Ao escolher o formato podcast narrativo, o projeto buscou criar um produto jornalístico acessível, dinâmico e emocionalmente envolvente.

A linguagem adotada na narração equilibra rigor jornalístico com empatia, de modo a aproximar o ouvinte dos relatos e gerar identificação com as vozes das entrevistadas. As trilhas sonoras e os efeitos foram cuidadosamente escolhidos para dar potência a experiência sensorial, gerando imersão sem sensacionalismo.

Além disso, a estrutura em episódios curtos, com início impactante, desenvolvimento analítico e encerramento reflexivo, foi planejada para manter o interesse da audiência até o fim, considerando os hábitos de consumo de áudio sob demanda. Por fim, a linguagem acessível, porém crítica, coloca o podcast como um instrumento de informação, denúncia e sensibilização, com potencial para circular dentro e fora do meio acadêmico.

3.5 ETAPAS DE PRODUÇÃO

A produção foi realizada de forma independente, utilizando recursos próprios e o estúdio da Rádio Educativa FM Campina, veículo onde a autora estava trabalhando no período de produção do podcast. A captação de áudio das entrevistas foi feita de forma remota, via plataformas como *google meet* e *WhatsApp*, com gravações tratadas posteriormente para garantir clareza e fluidez sonora. Antes de cada entrevista, foi solicitado e registrado em áudio o consentimento das fontes para participação no podcast. Esses registros estão armazenados e disponíveis para comprovação, se necessário. A narração, realizada pela autora, utilizando microfone condensador e softwares de edição de áudio, como *CapCut* e *Sound Forge*.

A escolha das trilhas sonoras e efeitos foi pensada para reforçar o tom de cada trecho: tensão, denúncia, emoção e empatia. Optou-se pelo uso de músicas conhecidas ou com direitos autorais restritos e escolhemos trilhas disponíveis em bancos que a autora tem

3.6 ETAPAS DE PÓS-PRODUÇÃO

Na etapa de pós-produção, foram realizadas revisões do roteiro, cujo conteúdo está disponível nos apêndices, com destaque para o roteiro do primeiro episódio, mixagem e masterização dos episódios. Cada parte do áudio foi revisada para garantir ritmo adequado, clareza nas transições e equilíbrio entre voz, trilhas e efeitos.

Os episódios foram exportados em formato MP3 compatível com plataformas de *streaming* e armazenados em serviços de hospedagem gratuitos, considerando a finalidade acadêmica do produto. A publicação foi realizada por meio do Spotify, plataforma escolhida por sua ampla distribuição, facilidade de acesso e popularidade entre o público-alvo. O podcast *Poder e Silêncio*¹³ está disponível gratuitamente e pode ser acessado no *Spotify*.

Além da edição técnica, foi feita a revisão ética dos conteúdos. Os relatos anônimos foram cuidadosamente editados para não expor detalhes que pudessem comprometer a identidade das fontes que solicitaram anonimato. Também foram checados todos os dados citados, com base em relatórios, matérias jornalísticas e pesquisas acadêmicas, reforçando o compromisso com a veracidade da informação.

Como parte da estratégia de divulgação do podcast *Poder e Silêncio*, foram produzidos materiais audiovisuais com o objetivo de promover os episódios e ampliar o alcance do projeto junto ao público-alvo. Ao todo, foram desenvolvidos três vídeos de chamada, um para cada episódio, e um *teaser* oficial, que apresenta o conceito geral do podcast.

O *teaser* tem 1 minuto e 5 segundos de duração e antecipa o tom da narrativa: firme, sensível e comprometida com a denúncia da violência contra mulheres jornalistas no Brasil. A linguagem utilizada é direta, emotiva e reflexiva, e o texto de abertura diz:

Você pode até não saber... Mas nós, jornalistas, estamos entre as profissões mais perigosas do mundo. A diferença? É que a gente não tem adicional de periculosidade. E, muitas vezes, quem ameaça a nossa segurança... é quem deveria nos proteger: o poder público.

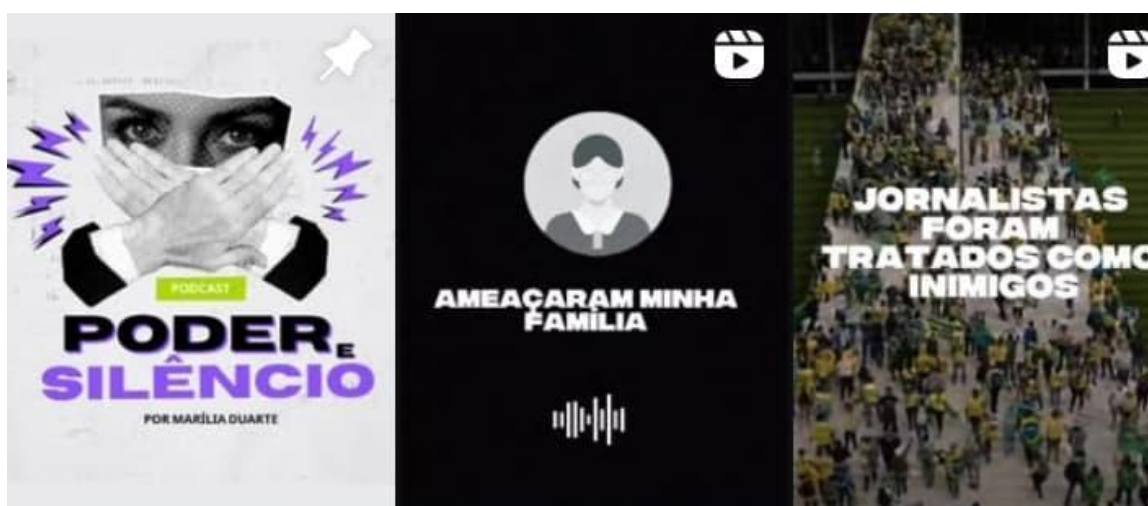
¹³ Poder e Silêncio. Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/7zxxbzXGPKwaYFXxy3mvzm?si=49083668ec5b4c13> acesso em: 10 JUN. 2025.

Os três vídeos¹⁴ de divulgação que acompanham os episódios apresentam trechos importantes das falas das entrevistadas, como: Episódio 1: Mesmo texto do teaser. Episódio 2: “Eu achei que fosse morrer, Marília. Não é um exagero.” Episódio 3: “Ameaçaram minha família e também ameaçaram meus irmãos. Inclusive, eu tenho processos judiciais em andamento justamente por causa de ataques na internet.”

Cada vídeo tem duração média de 50 segundos e foi distribuído no Instagram¹⁵ da autora, como forma de divulgação orgânica do conteúdo.

Figura 3 - Imagem do vídeos publicados no instagram



Fonte: reprodução de tela.

Para a produção dos vídeos, foram utilizadas imagens criadas por inteligência artificial, no aplicativo *CapCut*, que representam cenas de uma jornalista numa redação segurando um microfone. Também foram utilizadas imagens reproduzidas da internet, especialmente no caso das representações dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023. Essas imagens, amplamente difundidas nas redes sociais, não apresentavam autoria ou fonte determinada, já que muitas foram registradas e publicadas pelos próprios participantes dos ataques. Por isso, e considerando o uso acadêmico do material, optou-se por incluí-las com cuidado, sempre reforçando o contexto em que foram obtidas e seu valor documental dentro da narrativa proposta.

¹⁴ Drive. Disponível em: https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1dJxRpOIDG2-hJUFpFa0_0rsNAGZLq30Y Acesso em: 26 de MAI. 2025

¹⁵ Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/mariliaduaarte/> Acesso em: 26 de MAI. 2025

Figura 4 - Imagens do vídeo de divulgação



Fonte: reprodução de tela.

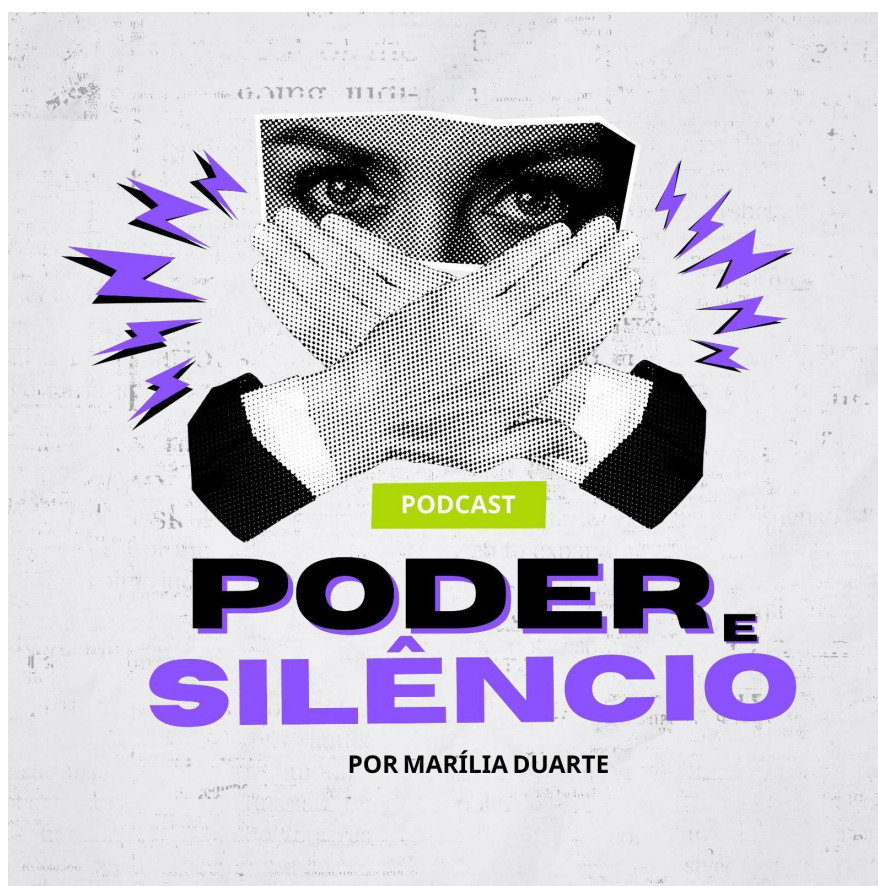
O material de divulgação buscou refletir o espírito do podcast: um produto sonoro que trata de temas como: jornalismo, violência e resistência, com linguagem acessível. A estética dos vídeos reforça a atmosfera de tensão e urgência, ao mesmo tempo em que valoriza a escuta como ferramenta de denúncia e mobilização.

3.7 PRODUTO FINAL

O produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso é o podcast *Poder e Silêncio*, composto por três episódios narrativos de não ficção, com duração média de 18 minutos cada. O conteúdo aborda os efeitos da violência política direcionada a jornalistas mulheres no Brasil, com foco na atuação de agentes públicos como fomentadores desse cenário.

A identidade visual do podcast foi criada pelo designer Alan Leonardo Félix. A arte traz uma composição gráfica impactante: uma mulher com as mãos de um homem sobre a boca, simbolizando o silenciamento forçado, cercada por sinais gráficos que remetem a tensão, ruído e censura. As cores predominantes são o roxo e o preto, remetendo à luta das mulheres e à seriedade do tema.

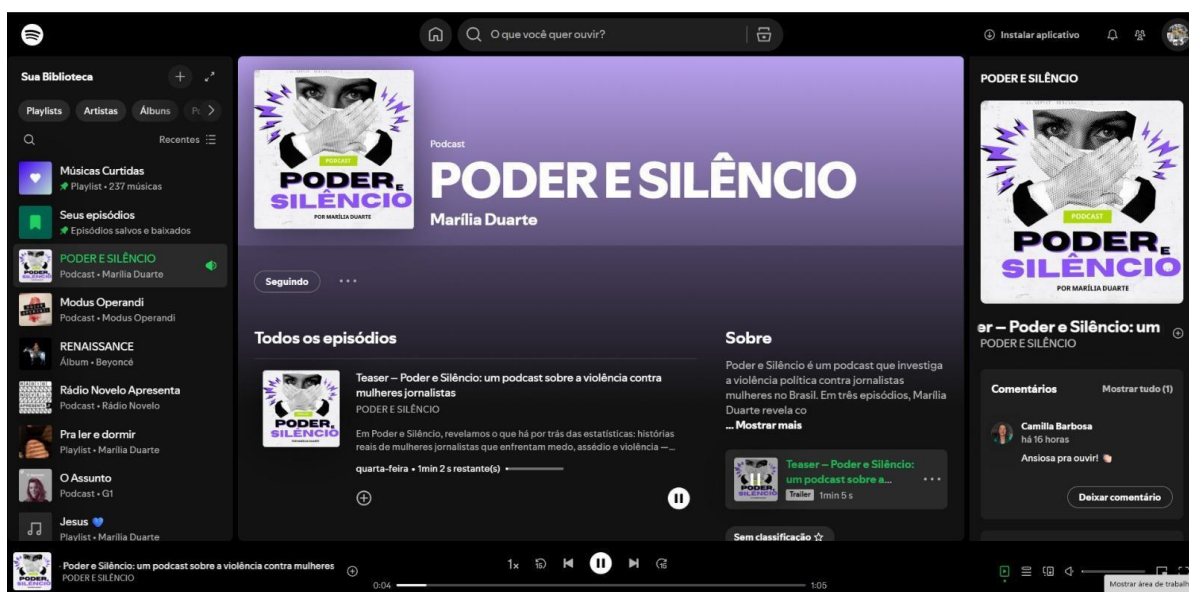
Figura 3 - Identidade visual do *podcast*



Fonte: Arte elaborada por Alan Leonardo Félix.

O resultado é uma imagem forte, moderna e coerente com o conteúdo jornalístico e crítico da produção. A escolha do projeto gráfico buscou traduzir visualmente a dualidade entre poder e silêncio, central no título e na proposta editorial do podcast.

Poder e Silêncio está disponível na plataforma *Spotify*, uma das principais distribuidoras de áudio sob demanda do país, amplamente acessível e compatível com os hábitos de consumo do público-alvo, que inclui estudantes, profissionais da comunicação e ouvintes interessados em jornalismo e política. A escolha por essa plataforma teve o objetivo de democratizar o acesso ao conteúdo e alcançar uma audiência ampla, com facilidade de navegação e possibilidade de engajamento direto.

Figura 4 - Podcast publicado no *Spotify*

Fonte: reprodução de tela.

Apresentaremos a seguir uma breve descrição de cada episódio do Podcast *Poder e Silêncio*, apresentando o tema central abordado e identificando, quando possível, as convidadas que foram entrevistadas. Informamos ainda os recursos adicionais usados no processo de edição.

3.7.1. Episódio 1 – Quem quer calar jornalistas?

O episódio de estreia apresenta o problema central do podcast: a violência política contra mulheres jornalistas e o papel dos agentes públicos na legitimação desses ataques. A narrativa parte de discursos de figuras públicas, como o ex-presidente Jair Bolsonaro e o ex-deputado estadual Douglas Garcia (PL-SP), para mostrar como falas oficiais estimulam hostilidade contra a imprensa. O episódio também contextualiza o crescimento da violência nos últimos anos e introduz os conceitos de “autocensura” e “silenciamento”. O uso de trechos reais de falas públicas (sonoras de políticos), trilha sonora crescente, da música *Braços a Liberdade*, marcam momentos de tensão e dados de relatórios da Abraji e Fenaj. A narração é feita em primeira pessoa, com tom reflexivo, intercalando sonoras de jornalistas sendo atacadas e informações sobre casos judiciais.

3.7.2. Episódio 2 – O preço de cobrir a verdade

Neste episódio, o foco recai sobre a história da jornalista Marina Dias, correspondente do *Washington Post* em Brasília, única entrevistada que autorizou o uso de sua identidade e voz, para falar sobre os ataques. A narrativa reconstrói o ataque físico que ela sofreu durante a cobertura da tentativa de golpe em 8 de janeiro de 2023, mostrando como o jornalismo político praticado por mulheres se tornou alvo preferencial de agressões. O depoimento da jornalista, o impacto psicológico da violência, a falta de apoio por parte de instituições públicas e o papel do jornal em sua recuperação fica evidente nos 18 minutos de narração. O episódio utiliza trilhas densas para reforçar o tom de denúncia, efeitos sonoros de multidão e protestos para ambientação, além de trechos reais da entrevista. A narração conduz o ouvinte de forma empática, realçando a coragem e a vulnerabilidade da repórter.

3.7.3. Episódio 3 – Silenciar é estratégia

O episódio final aprofunda a discussão sobre os efeitos do medo na rotina das jornalistas e revela como a autocensura se tornou uma estratégia de sobrevivência. A convidada principal é Rafaela Sindeski, doutora em Ciência Política e pesquisadora da Abraji, que compartilha dados e análises sobre a violência de gênero no jornalismo. Também são apresentados relatos anônimos de jornalistas que falaram sobre os desafios de seguir trabalhando sob pressão, vigilância e ameaças constantes. Para preservar a identidade das fontes, as falas foram interpretadas nas vozes de colegas estudantes de jornalismo da UEPB: Altaline Milena, Isabella Souza e Eduarda Queiroz. Os principais pontos do episódio são os tipos de violência, temas mais evitados por jornalistas (política, meio ambiente e direitos humanos), e impactos psicológicos e jurídicos dos ataques. Os depoimentos anônimos foram editados com cuidado ético, adotando trilhas que alternam entre tensão e esperança, além de dados estatísticos atualizados. O episódio encerra a série com um chamado à reflexão sobre o papel do Estado na proteção da imprensa e a urgência de defender a liberdade de expressão.

3.8. ORÇAMENTO

O podcast *Poder e Silêncio* foi produzido de forma independente, sem financiamento externo, e não gerou custos diretos à autora. No entanto, para fins de transparência e avaliação da viabilidade do projeto em contextos profissionais ou futuros, é possível estimar o valor de mercado dos recursos utilizados durante a produção.

As gravações de narração foram realizadas nos estúdios da Rádio Educativa FM

Campina, veículo público no qual a autora estava inserida como estagiária. Caso a locação do espaço fosse necessária, o custo médio por hora em estúdios profissionais varia entre R\$ 80,00 a R\$ 150,00/hora. Considerando cerca de 10 horas de uso ao longo da produção, o valor estimado seria de aproximadamente R\$ 1.000,00.

A edição dos episódios foi feita utilizando os softwares Sound Forge (versão gratuita de uso pessoal) e CapCut, aplicativo gratuito para edição de áudio e vídeo. Em um cenário profissional, o uso de softwares pagos equivalentes, como o Adobe Audition ou o Final Cut Pro, teria um custo mensal médio de R\$ 90,00 a R\$ 120,00, totalizando cerca de R\$ 600,00 para os seis meses de produção. Os equipamentos utilizados incluíram um microfone condensador disponível no estúdio da rádio. Caso fosse necessário adquirir esse equipamento, o custo médio de um microfone de entrada com boa qualidade gira em torno de R\$ 300,00 a R\$ 600,00.

A hospedagem e distribuição do podcast foram feitas gratuitamente pela plataforma Spotify, por meio do Spotify for Podcasters, que permite uploads sem cobrança de taxas. Por fim, a identidade visual do projeto foi criada de forma voluntária pelo designer Alan Leonardo Félix. Em um orçamento profissional, a criação do material gráfico poderia custar entre R\$ 800,00 e R\$ 1.200,00, dependendo da complexidade e da negociação com o profissional.

Resumo estimado do orçamento (valores aproximados):

Item	Descrição	Valor Estimado (R\$)
Estúdio de Gravação	Uso do estúdio da Rádio Educativa FM Campina	1.200,00
Microfone condensador	Equipamento utilizado para gravação da narração	800,00
Software de edição – Sound Forge	Utilizado para editar e tratar o áudio	1.100,00
Software de edição – CapCut	Versão gratuita, utilizada para montagem complementar	0,00
Hospedagem no Spotify	Distribuição via plataforma gratuita	0,00

Trilhas e efeitos sonoros	Utilização de trilhas com licença acadêmica ou de uso livre	0,00
Total Estimado		R\$ 3.100,00

Assim, embora o podcast tenha sido produzido com custo zero direto, sua estimativa de orçamento demonstra o valor agregado e o investimento necessário caso fosse executado fora de um contexto institucional ou acadêmico.

3.9. AVALIAÇÃO

O resultado final indica que o produto correspondeu de forma satisfatória ao que foi planejado, articulando narrativas humanas, análises técnicas e trilhas sonoras selecionadas de forma criteriosa, mantendo o equilíbrio entre rigor jornalístico e sensibilidade narrativa. O uso de relatos anônimos, interpretados por convidadas, respeitou limites éticos e ampliou o alcance de vozes silenciadas. As entrevistas trouxeram embasamento e profundidade e a edição sonora contribuiu para criar uma experiência de escuta envolvente e crítica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O podcast Poder e Silêncio surgiu de uma inquietação diante do avanço da violência política contra jornalistas no Brasil, especialmente contra mulheres que atuam na cobertura de temas sensíveis como política, direitos humanos e meio ambiente. Ao longo de três episódios, o projeto procurou evidenciar não apenas a dimensão dessa violência, mas, sobretudo, seus efeitos subjetivos.

Por meio de entrevistas com jornalistas, especialistas e fontes anônimas, a narrativa trouxe à tona relatos de agressões físicas, ataques cibernéticos, perseguições e silenciamentos. Mais do que expor os episódios de violência, o podcast teve como objetivo entender a dinâmica de poder que permite, e por vezes incentiva, tais ataques, demonstrando como o discurso de autoridades políticas pode legitimar ações violentas por parte de seus apoiadores.

A escolha do formato podcast se deu por sua capacidade de oferecer uma escuta íntima, profunda e reflexiva. A linguagem sonora permitiu explorar camadas emocionais que muitas vezes são diluídas em reportagens impressas ou televisivas. A voz, enquanto

instrumento de denúncia, memória e resistência, foi o centro deste trabalho.

Durante o desenvolvimento do projeto, enfrentamos desafios relacionados à obtenção de entrevistas, à sensibilidade das fontes e à responsabilidade ética com os depoimentos. Muitos relatos só foram possíveis graças ao anonimato, o que por si só reforça o clima de medo e vulnerabilidade que ainda paira sobre o exercício do jornalismo no Brasil.

O produto final representa não apenas uma peça jornalística, mas também um exercício de escuta e empatia. Em um país onde jornalistas precisam de apoio jurídico e terapia para exercer seu trabalho, é urgente repensar o lugar da imprensa na sociedade e cobrar dos agentes públicos o compromisso com a liberdade de expressão.

Conclui-se, portanto, que a violência contra jornalistas não é um fenômeno isolado. Ela é parte de uma engrenagem que tem o objetivo de minar a democracia a partir do enfraquecimento do jornalismo profissional. Reconhecer isso é o primeiro passo para defender a informação como direito e o jornalismo como serviço público.

O podcast *Poder e Silêncio* se encerra, mas a discussão que ele propõe precisa continuar — nas redações, nas universidades, nas ruas e nos gabinetes de poder.

REFERÊNCIAS

BONINI, Tiziano. **The new role of radio and its public in the age of social network sites.** First Monday, v. 20, n. 2, 2015. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4311>

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BUCCI, Eugênio. **Em Brasília, 19 horas: o horário eleitoral e a construção da realidade.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

CAMPOS MELLO, Patrícia. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

COALIZÃO EM DEFESA DO JORNALISMO. **Gênero e violência contra jornalistas: um panorama dos ataques online.** 2021. Disponível em: <https://abraji.org.br/publicacoes/relatorio-violencia-de-genero-contra-jornalistas>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KUWANO, Laís Sayuri. **Rádio e Podcast: convergência sonora e a atuação da CBN.** In: Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019.

LUIZ, Camila; ASSIS, Juliana. **Podcast: novas possibilidades para o jornalismo digital.** In: Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>.

OAB – ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL. **Liberdade de imprensa contemporânea.** Brasília: Conselho Federal da OAB, 2020.

SELBACH, Juliana. **Podcast no Brasil: a emergência de um novo meio?** Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/211061>

VICENTE, Eduardo. **Rádio expandido: do dial às plataformas digitais.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. Manufacturing Consent: **The Political Economy of the Mass Media.** New York: Pantheon Books, 2002.

APÊNDICE A – ROTEIRO DO EPISÓDIO 1 DE PODER E SILÊNCIO

Episódio 1 – Poder e Silêncio

[SOBE SOM DE MÚSICA TEMA]

MARÍLIA:

VOCÊ PROVAVELMENTE JÁ DEVE TER OUVIDO QUE O JORNALISMO É O QUARTO PODER./ QUE ELE SUSTENTA A DEMOCRACIA, FISCALIZA OS OUTROS PODERES E GARANTE O DIREITO À INFORMAÇÃO./ MAS, ANTES DISSO, É PRECISO ENTENDER O PORQUÊ DE A INFORMAÇÃO SER TÃO CENTRAL NUMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA.//

SOBE SOM DE MÚSICA TEMA

MARÍLIA:

EU SOU MARÍLIA DUARTE E ESTE É *PODER E SILÊNCIO*. PODCAST QUE INVESTIGA OS EFEITOS DA VIOLÊNCIA POLÍTICA CONTRA JORNALISTAS MULHERES NO BRASIL./ AQUI VAMOS ENTENDER COMO E PORQUE O JORNALISMO PASSOU DE PILAR DA DEMOCRACIA A ALVO CONSTANTE DE ATAQUES.//

SOBE SOM MÚSICA TEMA

MARÍLIA:

NO LIVRO *COMO AS DEMOCRACIAS MORREM*, OS CIENTISTAS POLÍTICOS STEVEN LEVITSKY E DANIEL ZIBLATT ALERTAM: REGIMES AUTORITÁRIOS NÃO NASCEM, NECESSARIAMENTE, DE UM GOLPE./ MUITAS VEZES, ELES SE CONSTROEM NO SILÊNCIO — DESACREDITANDO INSTITUIÇÕES, MINANDO O DEBATE PÚBLICO E ENFRAQUECENDO A CONFIANÇA NA IMPRENSA.//

A INFORMAÇÃO É O QUE PERMITE QUE OS CIDADÃOS FAÇAM ESCOLHAS CONSCIENTES, QUE SAIBAM DE SEUS DIREITOS E QUE COBREM AUTORIDADES./ ELA É O COMBUSTÍVEL DA DEMOCRACIA./ E É JUSTAMENTE POR ISSO QUE O JORNALISMO INCOMODA TANTO./ PORQUE ELE ILUMINA O QUE MUITOS PREFERIRIAM MANTER ESCONDIDO.//

É DAÍ QUE VEM A EXPRESSÃO “QUARTO PODER”: É PAPEL DA IMPRENSA FISCALIZAR, DENUNCIAR ABUSOS, REVELAR BASTIDORES — TUDO AQUILO QUE NEM SEMPRE ESTÁ NOS DISCURSOS OFICIAIS./ MAS O QUE ACONTECE QUANDO QUEM OCUPA O PODER COMEÇA A ATACAR

SISTEMATICAMENTE QUEM INFORMA? (PAUSA) O ALVO DEIXA DE SER A NOTÍCIA. E PASSA A SER O JORNALISTA.//

SER JORNALISTA NO BRASIL É EXERCER UMA PROFISSÃO DE RISCO./ SEGUNDO DADOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO, A ABERT, EM 2024, A CADA CINCO DIAS UM PROFISSIONAL DA IMPRENSA FOI ALVO DE ALGUM TIPO DE ATAQUE — SEJA FÍSICO, VERBAL OU INSTITUCIONAL.//

MARÍLIA:

MAS QUANDO OLHAMOS PARA AS MULHERES JORNALISTAS, O CENÁRIO É AINDA MAIS PREOCUPANTE./ DE ACORDO COM A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, A ABRAJI, EM 2023, 20% DOS ATAQUES A MULHERES JORNALISTAS FORAM EXPLICITAMENTE MACHISTAS, TRANSFÓBICOS OU MISÓGINOS./ ESSES ATAQUES INCLUEM OFENSAS RELACIONADAS À APARÊNCIA, QUESTIONAMENTOS SOBRE A CAPACIDADE PROFISSIONAL E AMEAÇAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL.//

ALÉM DISSO, DURANTE O PERÍODO ELEITORAL, AS MULHERES JORNALISTAS RECEBERAM A MAIORIA DOS ATAQUES REGISTRADOS, APESAR DE ESTAREM EM MENOR NÚMERO DOS PROFISSIONAIS MONITORADOS. NO INSTAGRAM, ESSE NÚMERO FOI AINDA MAIOR, COM 68,3% DOS ATAQUES DIRECIONADOS A ELAS. //

TODOS ESSES DADOS MOSTRAM QUE, ALÉM DOS RISCOS JÁ ENFRENTADOS POR TODOS OS JORNALISTAS, AS MULHERES AINDA LIDAM COM UMA CAMADA ADICIONAL DE VIOLÊNCIA BASEADA EM GÊNERO./ ISSO NÃO APENAS AMEAÇA SUA SEGURANÇA, MAS TAMBÉM ENFRAQUECE A LIBERDADE DE IMPRENSA E, CONSEQUENTEMENTE, A PRÓPRIA DEMOCRACIA.//

[INSERIR SONORA – TRECHO DE POLÍTICOS ATACANDO A IMPRENSA, SEGUIDO DE FADE-OUT]

MARÍLIA:

DE ACORDO COM A ORGANIZAÇÃO REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS, O BRASIL OCUPA A 82ª POSIÇÃO NO RANKING GLOBAL DE LIBERDADE DE IMPRENSA — ATRÁS DE PAÍSES COMO MOLDAVIA E TIMOR LESTE, POR EXEMPLO./ MESMO COM UMA LEVE MELHORA NOS NÚMEROS EM 2025, OS DESAFIOS PERMANECEM.//

[SOBE SOM - MÚSICA TEMA]

MARÍLIA:

A HOSTILIDADE CONTRA JORNALISTAS NÃO É UM FENÔMENO RECENTE, MAS VEM ACOMPANHADO DE FATOS HISTÓRICOS./ TODO

MUNDO JÁ SABE O QUE ACONTECEU NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR NO BRASIL./ ENTRE OS ANOS 1964 E 1985, OS JORNALISTAS ENFRENTARAM UMA INTENSA REPRESSÃO QUE ENVOLVIA PERSEGUIÇÃO, CENSURA, PRISÃO, TORTURA E ATÉ ASSASSINATO./ O REGIME MILITAR ADOTOU UMA POLÍTICA SISTEMÁTICA PARA CONTROLAR E SILENCIAR A IMPRENSA CRÍTICA, VISANDO IMPEDIR QUE INFORMAÇÕES CONTRÁRIAS AO GOVERNO FOSSEM DIVULGADAS.//

PÓS DITADURA ESSAS PRÁTICAS PRATICAMENTE DIMINUÍRAM, PORÉM ESTAMOS NO CAMINHO DO EXTREMO MAIS UMA VEZ.//

COM EXEMPLO DISSO, EM 2014, O ENTÃO DEPUTADO JAIR MESSIAS BOLSONARO ATACOU VERBALMENTE UMA JORNALISTA DURANTE UMA ENTREVISTA COLETIVA, MANDANDO-A CALAR A BOCA.//

[INSERIR SONORA – TRECHO DA ENTREVISTA COLETIVA]

[EFEITO DE RADIO]

MARÍLIA:

NAQUELE MESMO ANO, DURANTE UM EVENTO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES, O PT, A JORNALISTA DANIELA LIMA, NA ÉPOCA TRABALHANDO NA FOLHA DE SÃO PAULO, FOI AGREDIDA POR MILITANTES ENQUANTO COBRIA UMA MANIFESTAÇÃO./ EM ENTREVISTA AO UOL, ELA RELATOU TER SIDO CHUTADA E XINGADA, SENDO SOCORRIDA POR SEGURANÇAS DE UM HOTEL PRÓXIMO AO LOCAL DO PROTESTO.//

[INSERIR SONORA – TRECHO DA ENTREVISTA DE DANIELA AO UOL RELATANDO O ATAQUE]

MARÍLIA:

ESSE TIPO DE AGRESSÃO VERBAL, VINDO DE FIGURAS PÚBLICAS, CONTRIBUI PARA UM AMBIENTE HOSTIL À IMPRENSA. QUANDO AUTORIDADES LEGITIMAM OU INCITAM ATAQUES AOS JORNALISTAS, CRIAM UM AMBIENTE EM QUE A POPULAÇÃO SE SENTE AUTORIZADA A FAZER O MESMO. ISSO NÃO APENAS COLOCA EM RISCO A INTEGRIDADE FÍSICA E PSICOLÓGICA DOS PROFISSIONAIS, MAS TAMBÉM AMEAÇA A PRÓPRIA DEMOCRACIA, AO MINAR O DIREITO À INFORMAÇÃO E AO DEBATE PÚBLICO.//

DEPOIS DA REDEMOCRATIZAÇÃO, A ESCALADA DA VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NO BRASIL COMEÇOU A GANHAR FORÇA A PARTIR DE 2013, COM O AUMENTO DAS MANIFESTAÇÕES POPULARES E A POLARIZAÇÃO POLÍTICA.//

[EFEITO SONORO – MANIFESTANTES]

A PARTIR DE 2018, HOVE UM AUMENTO EXPRESSIVO DA VIOLÊNCIA, COM EPISÓDIOS LIGADOS A CONTEXTOS ELEITORAIS. NAQUELE ANO, FORAM 135 OCORRÊNCIAS DE VIOLÊNCIA CONTRA 227 JORNALISTAS, INCLUINDO AGRESSÕES FÍSICAS, VERBAIS, AMEAÇAS E IMPEDIMENTOS AO EXERCÍCIO PROFISSIONAL.//

[SOBE SOM DE TRANSIÇÃO: MÚSICA DENSA]

MARÍLIA:

SEGUNDO O MONITORAMENTO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA JORNALISTAS, FEITO PELA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, EM 2021, 59,3% DOS ATAQUES CONTRA JORNALISTAS NA INTERNET FORAM PROFERIDOS POR AUTORIDADES E FIGURAS DE DESTAQUE NO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO – SOBRETUDO ATORES ESTATAIS./ EM 60% DOS CASOS DE VIOLÊNCIA NA INTERNET, AS PROFISSIONAIS FORAM ATACADAS POR COBERTURAS OU COMENTÁRIOS RELACIONADOS AO CAMPO POLÍTICO.//

[EFEITO SONORO – TECLADO DE COMPUTADOR]

MARÍLIA:

NÃO É POR ACASO QUE OS PRINCIPAIS AGRESSORES NA INTERNET SÃO FIGURAS POLÍTICAS, NO EXERCÍCIO DE SEUS MANDATOS, E OUTROS ATORES QUE SE CONECTAM COM ESSA ESFERA./ O CAMPEÃO DE ATAQUES ON-LINE, COM 8 EPISÓDIOS REGISTRADOS AO LONGO DE 2021, FOI O DEPUTADO FEDERAL CARLOS JORDY, DO PL DO RIO DE JANEIRO./ ELE USOU SUA CONTA NO TWITTER PARA HOSTILIZAR, EM DIFERENTES SITUAÇÕES, AS JORNALISTAS RACHEL SHEHERAZADE, DANIELA LIMA, BARBARA GANCIA, TANIA MORALES, ASTRID FONTENELLE E RENATA LO PRETE.//

[SOBE SOM: MÚSICA DENSA]

MARÍLIA:

FILHO DO EX-PRESIDENTE JAIR BOLSONARO, O VEREADOR CARLOS BOLSONARO, DO PL DO RIO DE JANEIRO, TAMBÉM FIGURA ENTRE OS PRINCIPAIS AUTORES DE ATAQUES./ SÓ EM 2021 ELE ACUMULOU 7 EPISÓDIOS DE AGRESSÃO, EMPATANDO COM TERCIO ARNAUD TOMAZ, ASSESSOR ESPECIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DAQUELE ANO./ EM SEGUIDA, ESTÃO O DEPUTADO FEDERAL EDUARDO BOLSONARO, DO PL DE SÃO PAULO, TAMBÉM FILHO DE BOLSONARO, E O COMENTARISTA POLÍTICO RODRIGO CONSTANTINO, COM 4 ATAQUES CADA.//

[SOBE SOM: SONORA DE RODRIGO FALANDO QUE JORNALISTA É COMUNISTA]

O PRESIDENTE JAIR BOLSONARO VEIO EM QUARTO LUGAR, AO LADO DO SECRETÁRIO ESPECIAL DE CULTURA, MARIO FRIAS, E DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, SÉRGIO CAMARGO – TODOS COM 3 CASOS REGISTRADOS NAS REDES SOCIAIS./ O PASTOR SILAS MALAFAIA E AS DEPUTADAS FEDERAIS BIA KICIS, DO PL DE BRASÍLIA, E CARLA ZAMBELLI, DO PL DE SÃO PAULO, FECHARAM A LISTA COM DUAS AGRESSÕES CADA./ VALE DESTACAR QUE ESSES ATAQUES FORAM FEITOS APENAS PELA INTERNET.//

[SOBE SOM DE TRANSIÇÃO: MÚSICA DENSA]

MARÍLIA:

AINDA QUE AS AUTORIDADES DE ESTADO TENHAM SURGIDO COMO OS PRINCIPAIS AUTORES IDENTIFICÁVEIS DOS ATAQUES NA INTERNET, GRUPOS DE ROBÔS E INTERNAUTAS DE MANEIRA GERAL APARECEM COMO AGRESSORES EM 61 CASOS, O QUE REPRESENTA 51% DO TOTAL DE ATAQUES REGISTRADOS PELO MONITORAMENTO.//

[SOBE SOM: MÚSICA DENSA]

MARÍLIA:

ESSES ATAQUES DE ATORES POLÍTICOS NO EXERCÍCIO DE SEUS CARGOS TEM UM CUSTO, BAIXO, MAS TEM.//

NO DIA 18 DE FEVEREIRO DE 2020 O ENTÃO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO FEZ UMA DECLARAÇÃO OFENSIVA SOBRE A JORNALISTA PATRÍCIA CAMPOS MELLO DURANTE UMA ENTREVISTA COLETIVA EM FRENTE AO PALÁCIO DA ALVORADA. NA OCASIÃO, AO COMENTAR SOBRE REPORTAGENS DA JORNALISTA E O DEPOIMENTO DE HANS RIVER, FONTE DE PATRÍCIA QUE MENTIU DIZENDO QUE ELA PEDIU INFORMAÇÕES EM TROCA DE SEXO, NA CPMI DAS FAKE NEWS, BOLSONARO AFIRMOU, EM TOM DE DEBOCHE E COM INSINUAÇÃO SEXUAL QUE ELA QUERIA, ABRE ASPAS, “UM FURO. ELA QUERIA DAR O FURO A QUALQUER PREÇO CONTRA MIM” FECHA ASPAS”.//

[SOM: SONORA DE BOLSONARO SOBRE DAR O FURO]

MARÍLIA:

A DECLARAÇÃO DE JAIR BOLSONARO SOBRE PATRÍCIA CAMPOS MELLO GEROU CONSEQUÊNCIAS LEGAIS PARA O EX-PRESIDENTE. EM SETEMBRO DE 2021, O TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO CONDENOU BOLSONARO A INDENIZAR A JORNALISTA POR DANOS MORAIS EM RAZÃO DA FALA CONSIDERADA OFENSIVA E DE CUNHO SEXUAL. O VALOR INICIALMENTE FIXADO EM 20 MIL REAIS, POSTERIORMENTE FOI AUMENTADO PARA 35 MIL REAIS EM SEGUNDA INSTÂNCIA.//

[INSERIR SONORA: JORNAIS NOTICIANDO A CONDENAÇÃO DE BOLSONARO]

A DECISÃO RECONHECEU QUE BOLSONARO EXTRAPOLOU O DIREITO À LIBERDADE DE EXPRESSÃO, ATINGINDO A HONRA E A DIGNIDADE DA PROFISSIONAL DE IMPRENSA AO FAZER INSINUAÇÕES DE CARÁTER SEXUAL E DEPRECIATIVO, LEGITIMANDO OUTRAS PESSOAS A FAZEREM O MESMO.//

A DEFESA DE BOLSONARO RECORREU, MAS TODOS OS PEDIDOS FORAM NEGADOS. //

[SOBE SOM: MÚSICA DENSA]

MARÍLIA:

E AS CONDENAÇÕES CONTRA O EX-PRESIDENTE NÃO ACABARAM POR AÍ. EM OUTUBRO DE 2023, O TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO CONDENOU BOLSONARO POR DANOS MORAIS COLETIVOS DEVIDO A UMA SÉRIE DE ATAQUES À CATEGORIA DOS JORNALISTAS DURANTE SEU MANDATO./ A AÇÃO FOI MOVIDA PELO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO, QUE LISTOU 175 AGRESSÕES SÓ EM 2020, INCLUINDO XINGAMENTOS, ATAQUES HOMOFÓBICOS, AMEAÇAS FÍSICAS E OFENSAS MISÓGINAS.//

A JUÍZA TAMARA HOCHGREB MATOS, DA 24ª VARA CÍVEL DE SÃO PAULO, PROFERIU A SENTENÇA RESSALTANDO QUE O ENTÃO PRESIDENTE EXTRAPOLOU OS LIMITES DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO AO OFENDER A HONRA E A REPUTAÇÃO DOS JORNALISTAS, DESTACANDO QUE AS SUAS DECLARAÇÕES INCENTIVARAM ATAQUES VIRTUAIS E FÍSICOS CONTRA PROFISSIONAIS DA IMPRENSA, O QUE COMPROMETE A LIBERDADE DE IMPRENSA, UM PILAR DA DEMOCRACIA./ O VALOR DA INDENIZAÇÃO FOI FIXADO EM 50 MIL REAIS, REVERTIDO AO FUNDO ESTADUAL DE DEFESA DOS DIREITOS DIFUSOS, E A DECISÃO TRANSITOU EM JULGADO, NÃO CABENDO MAIS RECURSO.//

[SOBE SOM: MÚSICA DENSA]

MARÍLIA:

O DEPUTADO EDUARDO BOLSONARO TAMBÉM FOI CONDENADO POR ATAQUES À JORNALISTA PATRÍCIA CAMPOS MELLO./ ISSO MESMO, A MESMA JORNALISTAS QUE O SEU PAI, O PRESIDENTE NA ÉPOCA, ATACOU./ EM MAIO DE 2020, DURANTE UMA TRANSMISSÃO AO VIVO NA INTERNET, ELE AFIRMOU QUE A JORNALISTA TERIA TENTADO “FAZER INSINUAÇÃO SEXUAL” A FONTES PARA OBTER INFORMAÇÕES NEGATIVAS CONTRA SEU PAI, JAIR BOLSONARO, O QUE FOI CONSIDERADO OFENSIVO E DE CUNHO SEXUAL.//

POR ISSO, FOI CONDENADO EM DUAS INSTÂNCIAS PELO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO A PAGAR 35 MIL REAIS DE INDENIZAÇÃO POR

DANOS MORAIS À JORNALISTA./ O SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL MANTEVE A CONDENAÇÃO EM ABRIL DE 2025, REJEITANDO RECURSO DE EDUARDO BOLSONARO E AFASTANDO A ALEGAÇÃO DE IMUNIDADE PARLAMENTAR PARA ESSE CASO.//

[INSERIR SONORA: JORNAIS NOTICIANDO A CONDENAÇÃO DE EDUARDO BOLSONARO (PENHORA DOS BENS PARA PAGAR A JORNALISTA)]

[SOBE SOM: MÚSICA DENSA]

MARÍLIA:

EM SETEMBRO DE 2022, APÓS UM DEBATE PARA O GOVERNO DE SÃO PAULO NA TV CULTURA, O ENTÃO DEPUTADO ESTADUAL DOUGLAS GARCIA OFENDEU A JORNALISTA VERA MAGALHÃES, CHAMANDO-A DE "VERGONHA PARA O JORNALISMO BRASILEIRO" E QUESTIONANDO O VALOR DE SEU CONTRATO DE TRABALHO.//

[SONORA: DOUGLAS FALANDO OFENDENDO A VERA]

UM MÊS ANTES, NO DIA 28 DE AGOSTO, O PRESIDENTE JAIR BOLSONARO, OFENDEU A JORNALISTA VERA MAGALHÃES NO DEBATE PRESIDENCIAL, APÓS VERA QUESTIONAR O CANDIDATO CIRO GOMES SOBRE A QUEDA DA COBERTURA VACINAL E A DESINFORMAÇÃO DIFUNDIDA POR BOLSONARO, E ESSA FOI A RESPOSTA DO PRESIDENTE:

[SONORA: JAIR BOLSONARO FALANDO OFENDENDO A VERA] *"VERA, NÃO PODIA ESPERAR OUTRA COISA DE VOCÊ. ACHO QUE VOCÊ DORME PENSANDO EM MIM. VOCÊ TEM ALGUMA PAIXÃO POR MIM. VOCÊ NÃO PODE TOMAR PARTIDO NUM DEBATE COMO ESSE. FAZER ACUSAÇÕES MENTIROSAS A MEU RESPEITO. VOCÊ É UMA VERGONHA PARA O JORNALISMO BRASILEIRO."*

[SONORA: REPETIR A FRASE COM EFEITO DE ALTO FALANTE] *"VOCÊ É UMA VERGONHA PARA O JORNALISMO BRASILEIRO."*

MARÍLIA:

ESSAS DECLARAÇÕES FORAM FEITAS COM APENAS UM MÊS DE DIFERENÇA: PRIMEIRO, POR JAIR BOLSONARO, AINDA COMO PRESIDENTE DA REPÚBLICA; DEPOIS, REPLICADAS POR DOUGLAS GARCIA, DEPUTADO ESTADUAL À ÉPOCA. A LÓGICA ERA CLARA: SE O CHEFE DE ESTADO ATACA A IMPRENSA, SEUS ALIADOS TAMBÉM SE SENTEM AUTORIZADOS A FAZER O MESMO.//

MAS NÃO PODE./ E AS CONSEQUÊNCIAS VIERAM.//

O MINISTÉRIO PÚBLICO DE SÃO PAULO ABRIU UM PROCEDIMENTO CRIMINAL CONTRA DOUGLAS GARCIA POR DIFAMAÇÃO, E PELO MENOS

CINCO REPRESENTAÇÕES FORAM PROTOCOLADAS NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO PEDINDO SUA CASSAÇÃO POR QUEBRA DE DECORO PARLAMENTAR.//

EM UMA DECISÃO JUDICIAL, FOI DETERMINADO QUE O DEPUTADO APAGASSE PUBLICAÇÕES OFENSIVAS CONTRA A JORNALISTA VERA MAGALHÃES, RECONHECENDO QUE O OBJETIVO DOS ATAQUES ERA DESCREDIBILIZAR O TRABALHO DELA.//

O SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL TAMBÉM MANTEVE A CONDENAÇÃO DE DOUGLAS GARCIA POR DANOS MORAIS, REFORÇANDO A VALIDADE DAS DECISÕES ANTERIORES.//

ASSIM COMO BOLSONARO, NAS ELEIÇÕES DE 2022, DOUGLAS GARCIA NÃO CONSEGUIU SE REELEGER.//

[SOBE SOM: MÚSICA TEMA]

MARÍLIA:

NO PRÓXIMO EPISÓDIO DE PODER E SILÊNCIO ...

[INSERIR SONORA MARINA – “EU ACHEI QUE IA MORRER, MARÍLIA...”]

MARÍLIA:

ESTA QUE VOCÊ ACABOU DE OUVIR É DA JORNALISTA MARINA DIAS, E VOCÊ VAI ESCUTAR DELA A EXPERIÊNCIA DE SER ATACADA FISICAMENTE DURANTE A COBERTURA DO 8 DE JANEIRO DE 2023. O DIA EM QUE OS AUTONOMEADOS PATRIOTAS INVADIRAM E VANDALIZARAM O CONGRESSO NACIONAL, O PALÁCIO DO PLANALTO E O SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.//

[INSERIR SONORA – “ELES PUXARAM MEU CABELO, ME CHUTAVAM...”]

MARÍLIA:

NA INVASÃO AOS TRÊS PODERES, JORNALISTAS FORAM TRATADOS COMO INIMIGOS./ TIVERAM SEUS EQUIPAMENTOS DESTRUÍDOS, SOFRERAM AGRESSÕES FÍSICAS E VERBAIS E ATÉ AMEAÇAS DE MORTE.//

NO PRÓXIMO EPISÓDIO, VAMOS ENTENDER COMO O ÓDIO À IMPRENSA ULTRAPASSOU DAS REDES PARA AS RUAS — E POR QUE ISSO REPRESENTA UM RISCO DIRETO À DEMOCRACIA BRASILEIRA.//

[SOBE SOM: MÚSICA TEMA – MAIS INTENSA, CRESCENTE]

MARÍLIA:

ESSE EPISÓDIO USOU ÁUDIOS DE TV CULTURA, JOVEM PAN, BAND, CANAL DO YOUTUBE DO PASTOR SILAS MALAFAIA E UOL.//

APÊNDICE B - MODELO DE PAUTA

Podcast: Poder e Silêncio

ENTREVISTA COM RAFAELA SINDERSKI

Observações sobre Rafaela Sindorski: É uma jornalista e pesquisadora especializada em análise de dados e narrativa visual. Ela estudou no Lede Program da Columbia University, em Nova York, e é mestre em Comunicação e doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente trabalha na Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), onde monitora ataques contra jornalistas, com foco em violência de gênero.

Objetivo da Entrevista: Analisar a violência de gênero contra jornalistas, destacando as tendências atuais e as estratégias de combate. Além disso, discutir o impacto das mudanças políticas e da polarização social para entender os fatores que impulsionam essa violência e como a reduzem.

Pergunta:

1. O que a motivou a entrar no jornalismo e focar na pesquisa e em monitorar ataques contra jornalistas, com foco em violência de gênero
2. Como você descreveria o impacto da violência de gênero na carreira e na segurança das jornalistas no Brasil?
3. Quais são as principais formas de violência de gênero que as jornalistas enfrentam no Brasil, e como elas afetam a liberdade de imprensa?
4. Como você avalia a participação de agentes estatais e políticos nos ataques contra jornalistas?
5. Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres jornalistas em um ambiente de trabalho polarizado?
6. De que forma o relatório da Abraji de 2023 reflete a realidade da violência de gênero contra jornalistas no Brasil?
7. Como você avalia a diferença no tratamento e na incidência de violência contra jornalistas sob governos de direita versus governos de esquerda, considerando o contexto brasileiro e os dados recentes de 2023?
8. Como você interpreta a redução de 40% nos ataques explícitos de gênero contra jornalistas entre 2022 e 2023, considerando a mudança de governo de direita para esquerda nesse período?
9. Como você vê a relação entre a violência de gênero e a polarização política no Brasil?
10. Como a Abraji define e classifica a violência de gênero contra jornalistas, e quais são os critérios utilizados?
11. Quais são as principais recomendações da Abraji para melhorar a segurança das jornalistas no Brasil?